

ADVERSOS E OUTROS
MOMENTOS

Autor: PAULO FONTENELLE DE ARAUJO

Copyright by Paulo Fontenelle de Araujo, 2014. É proibida a reprodução, por qualquer meio físico ou virtual, desta obra, sem a expressa autorização do autor. Plágio é crime – Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Capa:

Clube de autores

Araujo, Paulo Fontenelle de

ADVERSOS E OUTROS MOMENTOS

1. ed. – São Paulo, SP : 60 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-266-2939-0 Literatura brasileira Poesias
brasileiras

ÍNDICE:

- 1- RELÓGIOS DA FAMÍLIA**
- 2- CONTATOS URBANOS**
- 3- CONEXÕES DUPLAS**
- 4- OUTRO POENTE**
- 5- ÚLTIMO CALENDÁRIO**
- 6- BONECOS E OUTRAS RODAS**
- 7 - FAMÍLIAS RENASCIDAS**
- 8 - SINCERAMENTE AMOR**
- 9 - O HOMEM DE NEANDERTAL**
- 10 - UMA HISTÓRIA VERDADEIRA**
- 11 – PRIMEIRO ATO**
- 12- LUNAÇÕES**
- 13- NO SUPERMERCADO**
- 14- O BE A BA DO MORTO**
- 15- REMATE FILOSÓFICO**
- 16- PRIMEIROS DOCES**
- 17- CHUVA INCOMPREENSÍVEL EM SÃO PAULO**
- 18- PARA OUTRO IDOSO**
- 19- OS SUBMERSOS**
- 20- POEMA U**
- 21- O CIRCO PRIMORDIAL**
- 22 – O CARGO**
- 23 – ANTIGOS AMORES**
- 24- NUVENS NASCENTES**

- 25 – FRIO SOLAR**
- 26 – O ÁLBUM**
- 27 – LIÇÕES TARDIAS**
- 28- OS IDOSOS SÃO LIVRES**
- 29- POEMA CONTO MUSICAL PENSANTE**
- 30 – IDAS E VINDAS**
- 31- DIGITAL POÉTICA**
- 32 – AS GRANDEZAS**
- 33 – VOZES ALVAS**
- 34- NO FUTURO**
- 35- CHUVA PRECÁRIA**
- 36- O SÍTIO DE LUZ**
- 37- ALMA SURDA**
- 38- HORA LÍQUIDA**
- 39- UNI VERSOS POSSÍVEIS**
- 40- GRANDES TUBARÕES NÃO PRECISAM DE SANGUE**
- 41 – MORTO APAIXONADO**

RELÓGIOS DE FAMÍLIA

No mecanismo do lar,
pai e mãe registram anos de convívio,
e enjaula-se o filho caçula
na precisão do amor.

No lar atrás dos relógios,
os jantares são pontuais,
os talheres e pratos marcados,
e ajusta-se o filho do meio
para uma apatia crescente.

Ao rodarem os lares,
regulam-se as máscaras.

E no lar, diante do cuco e do simultâneo,
o filho mais velho, enfim descobre,
que enterrar os pais, os irmãos,
as louças da casa,
sempre foi uma questão de cálculo.

CONTATOS URBANOS

**Em caso de emergência,
puxe alguma conversa.**

**Quebre o vidro,
caso isso signifique diálogo imediato.
Fale ao motorista somente o impensável.
Esclareça que se a vida é passageira,
viver é acionar alarmes,
tremular bandeiras,
emitir sinais luminosos
em semáforos de cores nítidas, próximas,
verdes.**

**Portanto, eu tremulo as bandeiras,
aciono os alarmes,
sinalizo para o meu débil coração,
e exponho-me
a um acidente rodoviário,
atropelamento fatal,
forma de comunicação possível
através do competente B.O.**

**Brado Obsceno
fora da faixa para pedestres.**

CONEXÕES DUPLAS

**O homem, antes de morrer, entende:
a vida não é a infestação de parasitas
apesar da amargura,
do mau cheiro da rotina,
e da percepção que deforma.**

**O homem, antes de morrer, percebe:
restos de vida tem validade.
Alguns detritos são suaves,
como as chuvas do cinema
a praia do calendário
e a frase
na embalagem do biscoito.**

**O homem, antes de morrer pensa:
o mundo não era tão mau;
se surgiu o gordo afogado em Ipanema,
também chegaram os palhaços
visitaram a criança
na UTI infantil.**

**E reaparece aquilo mais antigo,
o desenho de sereia atrás da porta,**

os peitos da mulher metade peixe.
(O homem tem cinco anos
e mergulha dentro da gravura).

O homem antes de morrer, arregala os olhos
e está conectado:
a infância ainda é um prisma,
uma refração da luz,
outro meio transparente:
o plasma sanguíneo
que permite o beijo.

OUTRO POENTE

A vida vem para juntar.
O tempo porém corta as emendas.
Se nós vemos marinheiros
e suas ombreiras azuis,
elas são marcas da encenação geral,
mas nos portos
há uma guerra entre os segundos,
e sobre o mar
nenhum metal vence a força naval
do ocorrido há pouco.

A vida chega para reunir,
mas o tempo dilacera.
Se gaivotas pousam nas pedras

é o ensaio de tudo,
embora os instantes
engulam os peixes
e um baque sobrenade o horizonte,
sem o reflexo das escamas.

A vida está aqui,
mas o tempo divide é certo.
Se nós vemos um coqueiral
exposto na praia,
isto é o aceno de nossa passagem;
ainda assim prevalece
o maior areal das horas
como remate contínuo
do que eram pérolas.

Viver para assistir
a sombra de um eclipse,
nosso cone
e o estilhaçar contínuo
do vidro futuro.

ÚLTIMO CALENDÁRIO

O mês de dezembro melhorou novembro
e o janeiro que vem
será melhor do que dezembro.

Todos os janeiros sempre valem,
embora os fevereiros
renovem os verões.

E quando chegarmos a março,
o março comovente,
dispensa contar o tempo
em meses, anos ou semoventes,
pois a vida está em um plenário,
onde brota o mês de abril
que se estende em juras,
em juras e malícias.

Sempre agradeça abril,
pois algo brilha.

Brilha o maio emancipador
para esquecer o não efetivo,
o que não é rosto de mãe.

E somente maio,
de olhos afirmativos,
preparam junho data de santo.
de tanta festa
até festejar julho e agosto,
sempre o melhor agosto de todos,